



AS MÁXIMAS DE GRICE E O PROCESSO DE ESCRITA

ALVES, Clarice¹; MARRONI, Fabiane Villela²; CUNHA, Ana Paula de Araújo¹

¹Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas

² Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

1 INTRODUÇÃO

Nas atividades interativas, as pessoas estabelecem certos comportamentos com o interlocutor, observando determinadas atitudes a fim de estabelecer uma comunicação eficaz. Grice (1975) pressupõe que esses comportamentos adotados são capazes de fazer contribuições importantes para o ato comunicativo.

Este estudo objetiva mostrar que os escritores são capazes de integrar em seus textos, por meio das atividades de revisão textual, os princípios cooperativos de Grice. Serão analisados os processos linguísticos de cooperação entre o escritor e o leitor por meio das quatro máximas griceanas (máxima de quantidade, máxima de qualidade, máxima de relevância e máxima de modo), visto que o texto, tanto na sua forma oral como escrita, é uma manifestação da linguagem que sempre envolve a comunicação com o outro.

Sob essa perspectiva textual, utilizei o Princípio Cooperativo como elemento de textualização que o escritor deve considerar ao criar o seu texto, já que, quando duas ou mais pessoas se propõem a interagir por meio de uma ocorrência linguística falada ou escrita, elas irão cooperar para que a interlocução transcorra de uma forma que atinja os objetivos comunicacionais desejados.

O Princípio Cooperativo proposto por Grice (1975) foi elaborado considerando apenas o uso da linguagem oral, mas ele é igualmente aplicável ao texto escrito, porque este, da mesma forma que o falado, faz parte de uma atividade interacional entre os usuários da língua. Logo, sendo o texto um lugar onde o escritor e o leitor se encontram e dialogam, os elementos da textualidade apresentados estão intimamente ligados aos Postulados Conversacionais descritos por Grice.

Grice (1975) apresenta o Princípio Cooperativo, propondo um conjunto de quatro máximas para uma comunicação bem-sucedida. São elas:

Máxima de Quantidade - está relacionada com a quantidade de informação que esperamos que o escritor traga para o texto, ou seja, informação suficiente à compreensão.

Máxima de Qualidade - refere-se ao teor de verdade e as evidências necessárias para acreditar ser verdadeira a informação dada. Essa máxima possui duas submáximas: 1) não informe aquilo que você acredita ser falso; 2) não informe aquilo para o qual não possa fornecer evidências suficientes.

Máxima de Relevância - diz respeito à informação pertinente ao objeto do tema abordado, já que uma frase inadequada ao objetivo central pode dificultar a compreensão da mensagem por parte do leitor.

Máxima de Modo - contrariamente a outras máximas, esta não se refere ao conteúdo proposicional do que é informado, mas ao *como* o que é informado é expresso. Ela está relacionada à clareza da expressão comunicada. Segundo Grice, a clareza de expressão é uma forma evidente de cooperação com o leitor por parte do escritor. Ao dar forma ao seu texto, o redator deve esforçar-se para organizar suas ideias com palavras objetivas, expressões e frases bem estruturadas.

O Princípio Cooperativo acima foi utilizado como um parâmetro que o redator deve considerar ao produzir um texto, visto que este faz parte do resultado de uma situação comunicativa que envolve atitudes do escritor e do leitor. O ciclo da interação se encerra quando o leitor, frente ao texto, preenche lacunas, contribuindo com conhecimentos que são esperados para a compreensão do texto, formando assim a textualidade. Logo, observa-se como o Princípio Conversacional orienta o escritor ao criar o texto, fornecendo informações verdadeiras, em quantidade suficiente, relevantes e claras à compreensão do escrito.

Nas atividades de revisão, os alunos foram orientados a ler o texto com bastante atenção antes de fazer as alterações que consideravam pertinentes à melhoria do trabalho. Na revisão individual, o educando era solicitado a reescrever o texto independente de ajuda externa. Ele detectava as falhas existentes no próprio texto e, posteriormente, procurava solucioná-las. A situação de revisão colaborativa contava com a ajuda de um leitor – colega ou a professora-pesquisadora – que, individualmente, lia o texto e fazia as anotações ao final do escrito ou numa folha anexa, para não prejudicar a aparência do texto, dos problemas encontrados. A seguir, o revisor discutia com o redator, os problemas detectados e fazia sugestões à melhoria do trabalho. É pertinente mencionar que ficava a cargo do escritor aceitar ou não as sugestões do revisor.

Após a etapa de avaliação de textos, os escritores faziam as alterações que julgavam pertinentes à adequação do texto e o re-escreviam.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado dentro do paradigma de pesquisa qualitativa. O modelo mencionado vem ao encontro dos objetivos a que o estudo se propõe, uma vez que a pesquisa qualitativa prioriza o processo e não apenas os resultados e/ou produtos, procurando descrever e compreender o fenômeno estudado, contrária à pesquisa quantitativa que, normalmente, estabelece uma relação entre uma causa e um efeito. De acordo de Demo (1990), as práticas educacionais são, pois, melhor caracterizadas por meio da realidade qualitativa, já que esta não admite interpretações isoladas.

Local e sujeitos estudados

A turma cujos sujeitos estiveram envolvidos na pesquisa era constituída por sete alunos, na faixa etária de 10 a 11 anos de idade, que cursavam a 5ª série do

ensino fundamental, em uma escola da rede privada de ensino, no interior do Rio Grande do Sul.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa mostraram que, inicialmente, os alunos apresentavam um conhecimento mecanicista sobre a linguagem. Quando revisavam seus textos, os sujeitos priorizavam os aspectos superficiais (como a ortografia, a letra e acentuação), que não provocavam mudanças significativas no texto escrito. A falta de condições de distanciarem-se de seu produto e realizarem a auto-avaliação foi identificada na atuação inicial de todos os alunos.

As crianças não percebiam o texto como um exercício de ‘vai e volta’, isto é, não trabalhavam com a possibilidade de ler e ou oferecer à leitura aquilo que escreviam, o que limitava a revisão ao ajuste de alguns pontos da estrutura superficial. Talvez, a ênfase na forma se explique pela dificuldade que o aluno possui em avaliar o sentido do texto ‘de maneira objetiva’, entretanto, a ela subjaz uma concepção de escrita centrada na forma que precisa ser questionada, problematizada em função das conseqüências que provoca.

Analisando as atuações dos sujeitos efetuadas na revisão individual e colaborativa dos textos, observei que, gradativamente, as crianças passaram a dispensar uma maior atenção às máximas do Princípio Conversacional. O maior índice de reformulações sem efeito foi observado nas modificações realizadas quanto à organização do sentido, retratando a inexperiência dos sujeitos em refletir sobre o conteúdo de suas produções e em regular linguagem ao sentido desejado. É pertinente mencionar que apesar da dificuldade apresentada pelos alunos, a maior parte das alterações nos aspectos relacionados às máximas de Grice produziu resultados satisfatórios.

Conforme os dados que constituem este estudo, os alunos dispensaram pouca atenção à máxima de quantidade durante o processo de escrita e de revisão de seus textos. Quanto à qualidade das informações apresentadas nas produções que fizeram parte da análise, constatei que as crianças deram uma atenção especial a essa máxima durante a produção, pois os textos não continham muitos problemas relacionados à qualidade das informações. Essa situação revela que o aluno tem um compromisso com a informação apresentada ao seu leitor. Também ficou claro no estudo que os alunos dispensaram mais atenção à máxima de relevância e à máxima modo apenas nas atividades de revisão do texto. Isso talvez tenha ocorrido porque são estas máximas que afetam mais claramente a compreensão do texto. É importante mencionar que problemas de obscuridade e desordem foram mais bem percebidos pelos alunos do que os problemas de prolixidade e ambigüidade. Essa situação comprova a necessidade de a revisão ser trabalhada na sala de aula, para que o aluno se torne ativo em sua aprendizagem, discutindo e entendendo o que precisa ser melhorado no escrito.

CONCLUSÕES

Por meio deste estudo, percebe-se que o professor de escrita deve ser “alguém que escuta” e se aproxima do aluno. No entanto, não deve ser o único a exercer o papel de ouvinte, e sim, a turma como um todo deve transformar-se em comunidade de ouvintes e juntos constroem uma reflexão sobre a melhoria do escrito, pois conforme ilustram os dados, muitas vezes, nossos estudantes sabem que seus textos não estão adequados à intenção comunicativa, mas não sabem como reformulá-los.

Nas palavras de Calkins (1989)

Os alunos são capazes de escrever esboços após esboços, mas não sabem como aumentar suas capacidades ou como relacionar o que funciona melhor em seus textos. Uma vez que não possuem senso daquilo que faz a boa escrita, não possuem meios de evoluir enquanto escrevem. (1989, p.191).

Com as conclusões deste trabalho não quero dizer que as atividades com linguagem na escola devam ser essencialmente reflexivas, mas o trabalho com texto e o trabalho de quem está aprendendo a escrever precisam ser abordados num contexto mais amplo do que as perspectivas tradicionais adotadas - o texto é visto como resultado de uma atividade a ser desenvolvida em um único momento.

A escola deveria ser o lugar que promove a possibilidade de autoria vista enquanto produção de sentidos e não como reprodutora de conhecimento. É preciso permitir que o aluno produza sentidos. Nós, enquanto professores, precisamos pensar a escrita como um processo de diálogo entre o escritor e o texto para que possamos ter autores em nossas salas de aula.

De acordo com Bakhtin (1999), a linguagem é um ato dialógico, é um trabalho social e histórico do sujeito com o outro e é para o outro e com o outro que ela se constitui, visto que não há sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se constituindo nos seus textos orais e escritos por meio de uma relação interlocutiva. O trabalho com linguagem, na escola, vem exigindo cada vez mais a presença do texto, seja enquanto objeto de leitura, quer enquanto trabalho de produção. Por isso, se desejamos traçar uma especificidade para o ensino de Língua Portuguesa, é no trabalho reflexivo com textos que a encontraremos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1990.

GRICE, H. P. *Logic and Conversation*. In. P. COLE: J. L. MORGAN. (eds.) **Syntax and Semantics 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, p. 41- 58,1975.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CALKINS, Lucy McCormick. **A Arte de Ensinar a Escrever: o desenvolvimento do discurso escrito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

